

Demitido da Uerj pensa em deixar o Rio

MÁRCIA TELLES

Mineiro de Betim, Alexandre Cardoso Cabral, 40 anos, integra a lista dos mais de mil servidores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) que estão na lista negra do governo. Ele foi contratado em 1987 sem concurso público, depois de um período de dois anos de estágio como auxiliar de serviços gerais. "Na época não existia concurso e todo mundo era admitido dessa maneira", afirma Alexandre, que há sete anos é agente de administração do Centro de Produção da Uerj, cargo equivalente ao de chefe de seção.

Na mesma situação encontra-se o auxiliar de Serviços Acadêmicos Walter Lima Cruz, que também trabalha no setor administrativo,

com nove colegas. Formado em Direito pela Universidade Santa Úrsula, Alexandre deixou Betim em 1974 para estudar Rio. Na época, jogou para o alto uma oportunidade de trabalho na indústria Fiat, que acabava de montar uma filial na cidade. "Se me demitirem, vou embora do Rio", garante o mineiro que ganha por mês R\$ 1.500 de salário bruto incluindo gratificação de chefia (FG-3) de R\$ 440,00. Alexandre hoje se pergunta se valeu a pena sair de sua cidade. "Acho que sim", responde.

Apesar de admitir que sua situação é irregular, Alexandre considera absurdo o plano do governo. "Eu era celetista e fui obrigado a optar pela condição de estatutário. Se me demitirem agora, não recebo nada", argumenta. Na sua opinião, o governo seria mais justo se antes de demitir passasse todas as pessoas para a situação anterior, ou seja, de celetistas. "Isso seria o certo. Pelo menos, os servidores teriam direito ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço", acrescenta.

Responsável por todo o trabalho de apoio aos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade, Alexandre controla desde o al-

moxarifado (compras de materiais de limpeza, café, açúcar) até as correspondências externas. Com doze anos de experiência na área, Alexandre tem trabalhado para reduzir custos e ganhar eficiência. "Há algum tempo nós já estamos trabalhando com o sistema de caixa postal para evitar o extravio de correspondências no setor de cursos", afirma Alexandre, que mantém um contrato de prestação de serviço com os Correios. "Eles separam nossas correspondências diariamente e nós mandamos buscar", conta. Isso, segundo ele, evita perdas já que a maioria das inscrições para os cursos da Uerj é feita através de cartas.

Segundo Alexandre, se o estado demitir todos os funcionários que se encontram em situação irregular, a universidade corre o risco de ter suas atividades paralisadas. "Para não fechar, a Uerj certamente vai ter que contratar pessoal para determinados setores", argumenta o mineiro que atualmente divide a função de chefe administrativo com a de contador em uma firma de decoração. "Tenho que correr por fora para tentar complementar o meu salário", conclui.